

Inspere  
Post

## Liderança política **FHC no Inspere**

Abertura da série de palestras sobre liderança contou com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.



### ECONOMÍADAS

Veja a matéria que parabeniza todos os atletas que participaram do Economíadas pelo Inspere e vestiram a camisa rubro negra em quadra.

### POLÊMICA

Armas nos tornam mais seguros? Conheça os argumentos a favor do armamento da população.

### QUEM FAZ

Na sessão "Quem Faz" apresentamos ao público os homens e mulheres responsáveis pelo funcionamento do Inspere.

# Inspere Post

**Querido leitor(a),**

é com um extremo orgulho que apresento a vocês o Inspere Post, a nova entidade do Inspere que tem por objetivo ser um espaço para a divulgação de conteúdos, além de revelar o que acontece aqui dentro da faculdade sob nossa visão. Também estimula o desenvolvimento da escrita e colabora para a formação intelectual de todos.

O Inspere Post foi criado a partir do antigo Jornal Opinião, assim já partimos com os avanços e aprendizados que essa antiga entidade havia alcançado.

Nesse primeiro semestre de 2015 contamos com a colaboração de 18 alunos, os quais acreditaram na ideia da nova entidade e buscaram melhorá-la ao máximo!

Espero que todos vocês curtam a nova revista da faculdade. Estamos completamente abertos para receber quaisquer sugestões e/ou críticas.

O Inspere Post também está nas redes sociais! Não deixem de nos seguir tanto pelo Facebook quanto pelo Instagram, lá vocês encontrarão essa primeira edição online!

**Eduardo Agápito**

presidente Inspere Post

03

**Entrevista Insprof**

Alexandre Carvalho Dias

04

**Entidades**

Bem Gastado e Devs

08

**Polemica em defesa do armamento da população**

14

**Palestra Liderança com FHC**

21

**Quem Faz**

com Robson de Oliveira

23

**Globalização:**

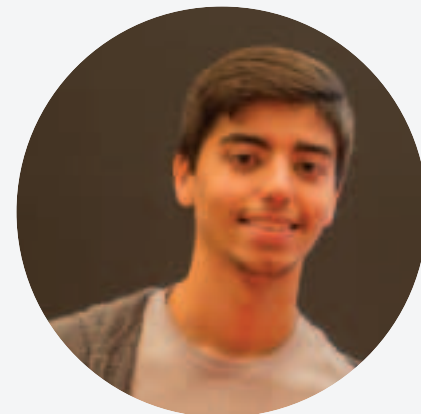
clichê ou realidade?

24

**Dicas do Carreiras**

# Entrevista Insprof

com Alexandre Carvalho Dias  
por Ana Beatriz Calicchio



## **INSPER POST: Como surgiu a ideia do Insprof?**

**ACD:** O Insprof surgiu da grande demanda por aulas particulares no Insper, especialmente por alunos que as ministrassem. O problema era que os alunos não tinham muita informação sobre quem dava essas aulas.

Eles dependiam de indicações, e então você via muitos posts na comunidade do face tais como: "quem conhece um professor bom de Estatística II?" O resultado era comentários que não eram sérios, como indicações de alunos que reprovaram na matéria. Mesmo quando um professor via o post e

oferecia suas aulas, o aluno não o conhecia e nem suas qualidades.

**IP:** Como foi o processo de elaboração do site? Você obteve alguma ajuda?

**ACD:** Passei minha férias em uma startup de tecnologia aprendendo a programar. Tive um grande mentor nesse processo que me ensinou os conceitos necessários e me guiou na elaboração o site. Não conseguiria ter feito o Insprof sem ele.

**IP:** Hoje o portal conta com 30 professores em media. Como funciona o processo de cadastro para dar aulas? É necessário que

haja alguma qualificação?

**ACD:** Atualmente o processo de cadastro é bem simples e não--restritivo. Qualquer pessoa pode entrar e digitar as matérias que ela ensina e as notas que elas tiraram.

É esperado que os professores sejam alunos e que eles tenham uma média relativamente boa nas matérias, mas o site não impede que não-alunos ou alunos com médias baixas se cadastrem. Contamos também com a honestidade

"O Insprof surgiu da **grande demanda** por aulas particulares no Insper especialmente por alunos que as ministrassem"

de cada professor quando eles incluem suas notas.

**IP:** O portal é bastante ativo dentro do Insper. Você tem alguma ambição de um dia expandir esse programa?

**ACD:** Sim, tenho planos de expandi-lo para outras instituições e tornar a plataforma mais abrangente. O valor principal da plataforma é aumentar o rendimento dos alunos em suas aulas ou provas. Vou então possibilitar a entrega desse valor para qualquer

aluno que tenha esse objetivo.

**IP:** O Insprof recebe apoio do DA-Acadêmico. Você pode explicar como funciona essa parceria?

**ACD:** O DA e o Insprof tem como um de seus objetivos principais apoiar os alunos academicamente. Esse alinhamento permitiu a parceria atual, que consiste na divulgação da plataforma pelo DA e no apoio acadêmico que a plataforma proporciona.

**IP:** Por último, você tem alguma

dica para alguém que tenha vontade de começar um projeto parecido?

**ACD:** Minha dica é "bite the bullet," uma expressão que quer dizer "só vai, apesar das dificuldades." Identifique uma demanda que não está sendo suprida e já comece a validar sua ideia. Se você não possui a habilidade técnica para implementá-la, aprenda ou encontre alguém que saiba. Fazer planos complexos ou ficar se questionando só te atrapalha. ■

# A Importância da Educação Financeira

Escrito Por Eduardo Henrique



A educação financeira vem ganhando cada vez mais espaço e importância no cenário econômico. Com o aumento do poder de compra de milhões de brasileiros nos últimos anos, oportunidades de consumo e crédito fácil, que no passado eram praticamente inalcançáveis, surgiram de maneira repentina. Assim sendo, o planejamento financeiro pode trazer diversos benefícios para jovens e adultos que buscam equilibrar suas contas e futuramente conquistar a tão sonhada independência financeira.

Antes do Plano Real, com a inflação na casa dos dois dígitos e preços subindo mais de uma vez por dia, o consumo tornava-se uma forma de proteção contra a desvalorização do dinheiro. Com a implantação do Plano Real em 1994, a economia e a inflação se estabilizaram, trazendo alívio e a possibilidade de planejamento de longo prazo para a população. O crédito ficou mais fácil e as famílias passaram a se endividar. Infelizmente, naquela época nem toda população tinha acesso a informações relacionadas a dinheiro e finanças pessoais. Isto vem dia após dia, ajudando a popu-

lação a enfrentar a atual realidade econômica. O Brasil deu um passo à frente na busca do aprimoramento nesta área criando a ENEF (Estratégia Nacional de Educação Financeira). A ação tem como objetivo promover ações de educação financeira gratuita. Diversas outras iniciativas de Educação Financeira estão espalhadas pelo Brasil com intenção de ajudar a população a se organizar e planejar melhor seus gastos, para proporcionar o equilíbrio entre a poupança e um consumo consciente. Aplicativos para celular também estão disponíveis para os usuários que buscam controlar suas rendas e despesas.

Já é perceptível que a conscientização no uso do dinheiro tem gerado algum reflexo na economia. Conforme gráfico abaixo, percebe-se que o nível de endividamento das famílias, embora ainda alto, vem caindo mês a mês. Em pesquisa realizada em Fevereiro de 2015 pela PEIC (Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor), o nível de endividamento vem diminuindo sequencialmente desde agosto de 2014.

	fev/14	mar/14	abr/14	mai/14	jun/14	jul/14	ago/14	set/14	out/14	nov/14	dez/14	jan/15	fev/15
<b>Nível de Endividamento</b>	<b>BR</b>	<b>BR</b>	<b>BR</b>	<b>BR</b>	<b>BR</b>	<b>BR</b>	<b>BR</b>	<b>BR</b>	<b>BR</b>	<b>BR</b>	<b>BR</b>	<b>BR</b>	<b>BR</b>
Muito endividado	12,1%	11,0%	11,8%	12,2%	11,9%	11,9%	11,8%	11,5%	11,0%	10,8%	10,8%	10,0%	9,7%
Mais ou Menos endividado	24,3%	24,0%	24,1%	23,5%	23,4%	24,5%	24,8%	24,3%	23,0%	22,4%	22,4%	21,0%	20,9%
Pouco Endividado	26,3%	26,0%	26,3%	27,0%	27,3%	26,6%	27,0%	27,3%	26,3%	26,0%	26,1%	26,5%	27,2%
Não tem dívidas desse tipo	36,8%	38,7%	37,5%	37,0%	37,0%	36,5%	36,0%	36,5%	39,3%	40,2%	40,3%	42,2%	41,9%
Não sabe	0,4%	0,3%	0,2%	0,2%	0,4%	0,4%	0,4%	0,3%	0,4%	0,4%	0,3%	0,2%	0,3%
Não respondeu	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,1%	0,1%	0,2%	0,2%	0,1%	0,1%
<b>Famílias Endividadas</b>	<b>62,7%</b>	<b>61,0%</b>	<b>62,3%</b>	<b>62,7%</b>	<b>62,5%</b>	<b>63,0%</b>	<b>63,6%</b>	<b>63,1%</b>	<b>60,2%</b>	<b>59,2%</b>	<b>59,3%</b>	<b>57,5%</b>	<b>57,8%</b>

Fonte QR Code

Embora o endividamento em Fevereiro tenha sido um pouco maior que Janeiro, se comparado com Fevereiro de 2014, a redução foi grande.

### Síntese dos resultados (% em relação ao total de famílias)

	Total de endividados	Dívidas ou contas em atraso	Não terão condições de pagar
Fevereiro 2014	62,7%	19,7%	5,9%
Janeiro 2015	57,5%	17,8%	6,4%
Fevereiro 2015	57,8%	17,5%	6,4%

Fonte QR Code

Outro dado animador vem de pesquisa realizada pela Boa Vista SCPC. Realizada também em Fevereiro de 2015, a pesquisa mostra que 49% da classe C têm o hábito de poupar, e entre os poupadores, 79% poupam acima de R\$100,00 todo mês. Para a maioria dos entrevistados, o objetivo é a formação de reservas de emergência. Essa poupança para imprevistos é o primeiro passo que a educação financeira ensina aos que almejam uma vida tranquila e sem dívidas. Com essa reserva conseguida, o poupador pode pensar em objetivos mais ambiciosos, como viagens, carros, casa, aposentadoria, independência financeira, dentre outros.

redução do endividamento e grande número de poupadores, a quantidade de indivíduos que ainda precisam de auxílio no planejamento financeiro e investimentos é alta. Com as diversas iniciativas criadas, pode-se concluir que é possível mudar o mundo através da educação financeira e impactar os que ainda necessitam, conscientizando-os de que podem realizar seus sonhos com equilíbrio entre poupança e consumo. Afinal, como diz o guru das finanças Gustavo Cerbasi, prosperar é só uma questão de escolha. ■

Essa poupança para imprevistos é o

primeiro passo que a educação

financeira ensina aos que almejam

uma vida tranquila e sem dívidas



Fonte: Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (<http://goo.gl/S15bDw>)

Os indicadores alcançados evidenciam a importância a educação financeira, bem como seu potencial de atingir patamares mais elevados. Embora os dados demonstrem maior conscientização da população,







## Devs (a nova entidade do Insper Engenharia)

O Devs é um grupo aberto do D.A. Insper que reúne empreendedores com interesse em programação, design ou o business de startups de tecnologia. Surgiu com Alexandre Carvalho Dias, um aluno interessado em empreender com aplicativos, sites e softwares e que queria conhecer outras pessoas que também compartilhassem desse interesse - especialmente a nova turma de engenheiros que entrou no Insper. Alexandre, que faz parte do Diretório Acadêmico, montou, então, uma equipe no D.A. para atingir esses objetivos. Nesse processo, conheceu Felipe Buniac - aluno que passou a repre-

sentar os engenheiros na gestão do nosso grupo - e juntamente com Thiago Achatz e Jefferson Vianna, levaram adiante esse o projeto.

Nossa proposta é conectar pessoas com nosso perfil para incentivar a formação de equipes de alto potencial, a troca de ideias e o aprendizado, além de termos a missão de gerar valor para pessoas interessadas em empreender com tecnologia.

Participar de uma entidade possibilita o aluno a mostrar mais sobre quem ele é. Ele pode mostrar suas

habilidades, ambições e interesses através de projetos naquela entidade. Ele também tem diversas oportunidades para se destacar e atingir seus objetivos dentro do grupo. O que um aluno conquista dentro da entidade ou o que ele fez para entrar nela é um grande diferencial no currículo.

Se você quer empreender com apps, sites ou software, vamos te ajudar a conhecer seus futuros parceiros e proporcionar um espaço para que você possa vir trabalhar, aprender e trocar ideias. Se isso te interessa, venha para uma de nossas reuniões! Estamos na sala 406 do quarto andar! ■

# Economíadas

Faaaala raposada! Estamos aqui para dar os parabéns a todos os nossos atletas que entraram em quadra pelo Inspere, vestiram MESMO a camisa rubro negra e fizeram com que atingíssemos a marca de mais de 100 pontos no Economíadas, pela primeira vez na

história! Todo mundo sabe o quanto vocês suaram a camisa para que isso fosse possível e merecem toda a nossa admiração! VOCÊS SÃO FODA! Além da pontuação recorde, fomos CAMPEÕES DO BASQUETE MASCULINO! É OURO!! Parabéns a todos vocês

que fizeram parte disso, vocês merecem demais! E também levamos pra casa a prata na Natação Masculina e bronze no Judô e Futebol de Campo! Parabéns a todos os nossos atletas, esse Econo ficou pra história! VAAAMO INSPER! ■

...vestiram MESMO a camisa rubro negra...

**...VOCÊS SÃO FODA!...**

**CAMPEÕES DO BASQUETE MASCULINO!**

**...VAAAMO INSPER!**



Foto: Pablo Sobral

# Em Defesa do Armamento da População

Paulo Kogos

A liberdade de se armar é intrínseca ao homem.

O desarmamento da população sempre precedeu o genocídio

O ser humano tem direito\* à vida. Assumindo que a maldade existe, negar ao indivíduo a posse de meios de defender a própria vida é violar o direito a ela.

O jurista William Blackstone afirmou que "o principal objetivo da sociedade é proteger os indivíduos no usufruto dos direitos absolutos, que lhes foram investidos pelas leis imutáveis da natureza."

Assim sendo, as legislações de controle de armas impostas pelo governo violam o direito natural das pessoas e pervertem a natureza das instituições humanas que, num arranjo natural, teriam na preservação do direito sua principal razão de ser.

Embora o argumento ético seja suficiente para encerrar o caso, há ainda o fato de que o armamento da população a torna mais segura.

Os 8 estados americanos com mais restrições à posse de armas possuem um índice de homicídio com armas de fogo per capita 60% maior que os 8 estados americanos menos restritivos [1]. Os 9 países europeus com menos armas de fogo por habitante apresentam uma taxa de homicídios per capita três vezes maior que os 9 países europeus com mais armas de fogo por habitante [2].

Poder-se-ia argumentar que o armamento civil é uma variável irrelevante diante de diferenças históricas, políticas e culturais. Mas a recorrente e abrupta elevação da criminalidade resultante da promulgação de legislações de controle de armas prova o contrário. Os gráficos [3] abaixo mostram a série histórica de assassinatos por 100 mil habitantes da Irlanda e da Jamaica respectivamente. A linha vertical indica o ano em que armas de fogo foram efetivamente abolidas para civis.



Taxa de homicídios da Irlanda. Enquanto as taxas de homicídios nos EUA e Jamaica incluem homicídios simples e qualificados, os números irlandeses incluem apenas homicídios simples. A inclusão de homicídios qualificados provavelmente dobraria, a grosso modo, a taxa de homicídios da Irlanda para a maioria dos anos. (dados não disponíveis para 1996)



Taxa de homicídios da Jamaica. (dados não disponíveis para 1968 e 1969)



Basta que haja imposição de dificuldades na obtenção de armas para que este efeito seja observado, ainda que não haja um completo banimento. Os nove anos seguintes à introdução do Estatuto do Desarmamento no Brasil, em 2003, apresentam uma taxa de homicídios 1,36% maior que os nove anos anteriores. A porcentagem de homicídios praticados com armas de fogo aumentou de 66,23% para 70,83% [4].

A teoria econômica explica esses dados. Se o governo impede o comércio e a posse de armas de fogo, as pessoas de bem têm seu acesso ao armamento dificultado. Colocado na clandestinidade, o setor se torna

hostil à concorrência e é dominado por ofertantes e compradores agressivos e inescrupulosos.

Em outras palavras, os bandidos monopolizam as armas. A maior probabilidade de que suas vítimas estejam desarmadas diminui o risco inerente à prática de ações criminosas.

De fato, uma pesquisa do Departamento de Justiça dos EUA com criminosos indicou que 74% concordam que ladrões evitam entrar em re-sidências ocupadas por medo de serem alvejados. 57% deles concordam que bandidos tem mais medo de enfrentar uma vítima



O fuzil anti-material Anzio de 20mm: agora vocês já sabem o que eu vou querer de presente de Natal

armada que de enfrentar a polícia [5].

As mulheres são as maiores vítimas do desarmamento. As tentativas de estupro são consumadas 32% das vezes, mas o índice cai para 3% quando a vítima está armada [6]. A proteção adicional que uma arma de fogo oferece para uma mulher é enorme, impondo maiores custos às ações criminosas contra mulheres em geral. Com efeito, dados criminalísticos indicam que uma mulher armada adicional aumenta a segurança da população feminina a uma taxa maior do que o homem armado adicional aumenta a segurança da população masculina [7].

No Reino Unido, um dos países com maiores restrições ao armamento civil, a taxa de estupros per capita é 125% maior que nos EUA, país com maior número de armas por habitante do mundo. As mulheres americanas utilizam armas de fogo 200 mil vezes por ano para se defenderem de crimes sexuais [8].

Esta vocação defensiva das armas de fogo deve ser ressaltada. Anualmente nos EUA 2,5 milhões de inocentes fazem uso das armas de fogo para se protegerem de ataques [9], ao passo que o recorde anual de crimes com armas de fogo foi de 847952 [10].

Dentre todos os casos de emprego defensivo das armas de fogo, em apenas 1 milésimo das vezes utiliza-se força letal [11]. Isto destrói o argumento de que pequenas querelas interpessoais resultariam em um tiroteio, afinal nem mesmo a legítima defesa armada contra criminosos costuma envolver disparos. Como disse o escritor Robert Heilein, "uma sociedade armada é uma sociedade educada". E se não for, se torna.

De fato, nos EUA, há 80 vezes mais emprego civil de armas de fogo para prevenir crimes do que mortes por armas de fogo, incluindo acidentes e suicídios. Estes, aliás, respondem por 61% destes óbitos [12]. E se um



suicida estiver determinado a morrer, não vai ser o controle de armas que o impedirá.

Acidentes com armamento, aliás, são muito raros. O lobby desarmamentista fica feliz quando eles acontecem, fazendo grande alarde, mas dentre todos os acidentes fatais nos EUA, apenas 0,43% são causados por armas de fogo, embora haja 0,9 dessas ferramentas por habitante. Ainda que consideremos apenas as vítimas fatais menores de 14 anos, menos treinadas e mais propensas a brincar indevidamente com armas de fogo, o índice permanece baixo: 0,6% [13].

Ressalte-se que esses acidentes são causados principalmente por negligência dos pais em relação à segurança do armamento e pela ausência de familiarização da criança com tamanho poder de fogo. Por mitigar esses dois fatores, uma cultura mais armamentista reduz drasticamente a taxa de acidentes. Nela, os filhos aprendem desde cedo a respeitar esses poderosos instrumentos e os pais acatam e impõem normas tácitas e formais de segurança, incentivando o senso de responsabilidade moral das crianças.

Talvez isso explique porque o Brasil tem quase o dobro de acidentes com armas de fogo per capita que a Suíça [14], embora tenha 5,7 vezes menos armas por habitante [15]. Instrução de tiro infantil é uma tradição suíça.

Ainda assim, entre 2003 e 2012, as armas de fogo nas mãos da população brasileira (estimadas entre 10 e 16 milhões) causaram apenas 0,7% das mortes acidentais de menores de 12 anos no país. Embora cada uma dessas 353 mortes seja uma tragédia irreparável [16], uma arma tem 18 vezes menos chances de matar uma criança acidentalmente, no Brasil, que uma piscina [17]. Mais do que com acidentes, a mídia progressista fica radiante com assassinatos em massa praticados

com armas de fogo (mass shootings). Políticos não perdem a oportunidade de advogar o controle de armas após estes trágicos eventos. A população, comovida e em choque, se agarra a tais discursos demagógicos sem possuir a fundamentação econômica e estatística para perceber tamanhas falácias.

Assassinos em massa tem como objetivo matar pessoas. Isto pode ser feito com armas brancas, armas de fogo caseiras, armas de fogo con-trabandeadas, veneno no suprimento de água, sabotagem contra estru-turas prediais, veículos pesados, gases tóxicos nos dutos de ar, seringas contaminadas, ou atentados com explosivos improvisados, algo muito mais comum no mundo que os mass shootings.

O controle de armas apenas impedirá que os inocentes obtenham meios de defesa contra esses facínoras.

A sociedade moderna protege quartéis, corporações, tribunais, pré-dios do governo e políticos com armamento pesado. Mas desampara as crianças com uma placa na porta da escola com os dizeres "zona livre de armas". Não há registro de assassinos que tenham respeitado tais avisos.

Entre 1977 e 1995, nos EUA, houve 16 mass shootings em escolas. Apenas um deles aconteceu num estado que permitia a posse civil de armas de fogo. Neste episódio 3 pessoas foram atingidas, uma fatalmente. Nos outros 15 eventos, dentre mortos e feridos, 118 pessoas foram alvejadas, o que resulta em uma média de quase 8 baixas por ataque [18].

Em relação a períodos anteriores, estados que passaram a permitir o armamento civil obtiveram uma redução de 69% no índice de vítimas fatais de mass shootings per capita. [19].

Civis armados são mais eficientes que a polícia em impedir essas tragédias. Mass shootings interrompidos pela polícia possuem uma média de 14,29 vítimas fatais. Mas quando um civil armado detém o crime, esta média cai para apenas 2,33 [20].

A superioridade do armamento civil em relação aos serviços estatais de policiamento é simples de ser explicada. Civis possuem mais interesse que a polícia na segurança própria, de seus entes queridos e de suas comunidades. Além disso, a vítima está, por definição, presente no local do crime, e poderá atuar imediatamente. Os policiais agirão apenas após algum tempo, se agirem.

definição, presente no local do crime, e poderá atuar imediatamente. Os policiais agirão apenas após algum tempo, se agirem.

Com efeito, civis armados em legítima defesa conseguem capturar, matar, ferir ou afugentar criminosos em 75% dos confrontos. A taxa de sucesso da polícia é de 61% [21]. Em 1981, na Califórnia, cidadãos arma-dos mataram 126 bandidos em ação, contra 68 mortos pela polícia [22]. Pode-se concluir que boa parte da eficiência do armamento civil resulta da divisão de trabalho entre a população geral e agentes profissionais de segurança.

Ressalte-se que quando as instituições de segurança são monopó-lizadas pelo estado\*\*, a qualidade dos serviços cai drasticamente. A ineficiência do governo em proteger o povo é evidenciada pela queda na resolução de crimes reportados. Entre 1960 e 1980, nos EUA, a taxa de resolução de homicídios caiu de 92,3% para 72,3% [23]. A população, que sempre demanda paz e segurança, busca soluções de mercado para contornar a ineficiência estatal: entre 1971 e 1976 os gastos dos americanos com segurança privada cresceram 46% [24].

Diante dos fatos, conclui-se que se o governo visasse a segurança do povo, facilitaria ao máximo o armamento civil, inclusive isentando armas de impostos. Mas o objetivo estatal não é a nossa segurança e sim nosso controle. Controle de armas não é de armas, mas de pessoas. As armas continuam existindo nas mãos dos criminosos convencionais e do estado.

Esta assimetria de poder é extremamente desvantajosa para o homem comum mas o governo tenta convencê-lo de que ela é necessária para sua segurança.

Através do Ato de Prevenção ao Crime de 1953, o governo britânico restringiu o porte de armas da população e tentou justificar-se alegando que as pessoas estariam mais seguras se delegassem sua autodefesa a especialistas do estado (a polícia). Além do aumento da criminalidade, a legislação resultou em uma devastadora perda das liberdades civis. Os policiais foram autorizados a prender qualquer indivíduo sem mandado judicial, bastando que houvesse "causa razoável para acreditar que pudesse cometer um crime" [25].

Evidenciam-se assim as grotescas implicações jurídicas do controle de armas. Pessoas são presas pela remota e conceitualmente vaga possibilidade de cometer um crime simplesmente porque tentavam se precaver

contra o crime. O indivíduo tem seus direitos suspensos sem julgamento e sem formalidades processuais não tendo cometido crime algum, ainda que a presunção de inocência seja um dos pilares dos sistemas jurídicos relativamente civilizados.

Quando defendo o armamento civil, incluo armas de calibre militar automáticas e com carregadores de alta capacidade. Fuzis e me-tralhadoras não podem ser exclusividades do crime organizado. Elas podem ser a única chance de manutenção da ordem e de sobrevivência de pessoas boas e honestas durante situações de crise, como os Distúrbios de Los Angeles em 1992.

Saques, incêndios, tumultos e confrontos aterrorizaram a cidade por 6 dias. Diante da ameaça, comerciantes coreanos em Koreatown ar-maram-se com escopetas e fuzis para defender seus negócios contra as turbas ensandecidas. Enquanto bairros vizinhos ardiavam em chamas, Koreatown manteve-se a salvo [26].

Foi com armamento pesado que civis combateram e venceram tropas regulares militarmente superiores em diversos momentos da História, como nas Batalhas de Lexington e Concord, que iniciaram a Guerra Revolucionária Americana, e nos levantes da resistência judaica contra os nazistas.

Justamente a mais importante e estratégica função do armamento civil é manter o governo com medo do povo. Uma população armada é a última barreira física que separa uma sociedade do totalitarismo. O processo de expansão do leviatã estatal inclui propaganda e doutrinação ideológica para moldar o comportamento de massas, mas somente a consolidação de uma assimetria armamentista permite que os governos centrais vençam a resistência do indivíduo e nulifiquem autonomias localistas.

O historiador Carroll Quigley nos mostra como a dispersão do poder militar manteve a estrutura política do medievo ocidental relativamente descentralizada entre o Século VIII e meados do Século XI. A crescente disparidade de forças teria levado à formação de uma hierarquia política baseada em poderio bélico [27]. A manutenção do manorialismo feudal, um sistema coletivista onde os camponeses eram espoliados pelos nobres, era garantida por um constante esforço de controle de armas, visando impedir o acesso dos camponeses a armas mísseis como arcos e bestas [28].

No Japão feudal, civis eram autorizados a carregar espadas para autodefesa. Mas nos anos finais do Perí-

odo Sengoku (1467-1603), fase marcada por guerras e levantes, os daimyos (senhores feudais) vitoriosos acumularam um poder político colossal. Para garantir suas posições, esses líderes ordenaram que suas tropas confiscassem as armas dos civis nas chamadas Caça às Espadas. [29].

O controle de armas como ferramenta de poder também pode ser observado no Brasil. As Ordenações Filipinas, promulgadas no Século XVII por Filipe II da Espanha durante a União Ibérica, regulava os tipos de armas que cada classe de pessoas poderia portar. O objetivo era impedir emancipação colonial [30]. A fabricação de armas no Brasil colônia era punida com a morte [31].

De fato, a independência em 1822 foi facilitada pela ação de milícias autônomas compostas por cidadãos armados.

No Brasil Império, o regente Diogo Antônio Feijó, que assumiu o cargo em 1835 e que temia o poder da população, buscou a dissolução dessas milícias e efetivou a Guarda Nacional. Seu objetivo era o fortalecimento do poder central. O porte de armas era proibido para índios e negros (exceto capitães-do-mato) [32], evidenciando que o propósito do desarmamento é a opressão do grupo vitimado, e não sua segurança.

Durante o Governo Provisório, o ditador Getúlio Vargas impôs restrições de calibres em reação à Revolução Constitucionalista de 1932, que por pouco não libertou os paulistas do jugo da União [33].

Diante disso é assustador que o Departamento de Segurança Interna dos EUA tenha anunciado, em 2013, a compra de sete mil fuzis AR-15 e quase 2 bilhões de munições, ao mesmo tempo em que o Governo Federal tenta desarmar a população [34].

Não se trata de alarmismo. A História nos mostra o quão temerários são os monopólios do poder de fogo, principalmente aqueles controlados pelo estado, instituição que assassinou diretamente 1 em cada 20 seres humanos falecidos no Século XX [35]\*\*.\*.

O desarmamento da população sempre precedeu o genocídio.

O Império Otomano desarmou o povo armênio antes da limpeza étnica de 1895-1897. Um atroz confisco de armas com minuciosas buscas dentro dos lares precedeu o Genocídio Armênio de 1915-1917 [36].

O registro das armas é extremamente perigoso, pois informa ao governo sua quantidade e localização. Os registros de armas efetuados na República de Weimar em 1928 foram utilizados por Adolf Hitler para acelerar os confiscos a partir de 1933. O führer afirmou que "o maior erro que poderia ter feito seria permitir que raças submissas possuíssem armas". O resultado foi o Holocausto [37].

Os ditadores comunistas Nicolae Ceaușescu, da Romênia, e Fidel Castro, de Cuba, também confiscaram armas previamente registradas por regimes anteriores [38].

A cidade de Nova York, quintal político dos progressistas, seguiu o exemplo das ditaduras vermelhas. Em meados da década de 1960, autoridades municipais iniciaram um registro de armas longas, prometendo nunca utilizá-lo para desarmar pessoas honestas. Em 1991 a cidade baniu essas armas e iniciou seu confisco [39].

Há muitos outros fãs notáveis do controle de armas, como os ditadores Pol Pot, que matou 2 milhões de pessoas no Camboja, e Idi Amin, que matou 300 mil cristãos em Uganda [40]. Mao Tsé-Tung baniu completamente o armamento civil em 1957. Seguiu o Grande Salto Adiante (1958-1961), uma campanha de coletivização lançada pelo Partido Comunista da China que envolveu torturas e execuções. Dezenas de milhões de chineses foram vitimados, inclusive por surtos de fome [41].

Controle de armas é monopólio de armas. Como o próprio Mao disse em um discurso, "todo o poder político emana do cano de uma arma", acrescentando que seu princípio é de que "o Partido Comunista comanda a arma, e a arma jamais poderá comandar o Partido" [42]. Logo depois, afirmou que as armas dos comunistas russos trouxeram o socialismo [43].

O caso soviético é emblemático. Em abril de 1918, o governo bolchevique liderado por Lenin ordenou o registro das armas civis. Em outubro teve início o recolhimento. Em 1925, o ditador Joseph Stalin instituiu punições duras contra o porte de armas não autorizado, e chegou a proibir facas em 1935.

As consequências foram tenebrosas. Em 1929, teve início o genocídio dos kulaks (termo pejorativo soviético para se referir à uma classe de fazendeiros proprietários de terra) na Ucrânia, causando surtos de fome. Em 1936, Stalin conduziu o Grande Expurgo, um período de repressão sem precedentes, com execuções sumárias e perseguição a camponeses e inimigos



políticos.

Entre 1929 e 1953, 20 milhões de russos foram exterminados [44].

Apesar de todas as evidências a favor do armamento civil, os governos mentem para o público. Obama apregoa que armas não propiciam segurança, mas não se desloca sem dezenas de homens armados do Serviço Secreto. Celebridades progressistas fazem campanha para que famílias comuns se desarmem, mas não aplicam o mesmo princípio aos seus onerosos seguranças particulares.

A insistência do establishment em afirmar que o desarmamento torna uma sociedade mais segura é uma clara aplicação de técnicas goebelianas\*\*\*\* de propaganda: repetir um conceito de forma superficial e vulgar voltada para as massas. Estas não possuem capacidade de reflexão profunda, um atributo exclusivo do indivíduo. Eventualmente, as mentiras assim difundidas são tomadas como verdades inquestionáveis.

A prudência recomenda, assim, que a população não acredite no que os governantes e seus propagandistas dizem. Prudente é se armar. Defender a vida própria e de terceiros é um dever moral e um direito natural. Como demonstrou São Tomás de Aquino, é natural dos seres humanos preservar sua existência e, portanto, impedir o acesso aos meios de defesa é um atentado à natureza humana.

A liberdade de se armar é intrínseca ao homem. Governos não podem nos dar algo que já é nosso, mas podem retirar. Isto significa que armas servem não apenas para defender vida e propriedade, mas também para defender o direito de continuar possuindo esses efetivos dispositivos de segurança. ■

#### LIVROS:

- [7] LOTT, John R., Jr. *More Guns, Less Crime: Understanding Crime and Gun Control Laws*. Chicago. University of Chicago Press. 1998, página 66
- [19] *Ibid.* página 100
- [16] QUINTELA, Flavio; BARBOSA, Bene. *Mentiram para Mim sobre o Desarmamento*. Vide Editorial. 2015, páginas 92-93
- [31] *Ibid.* página 30
- [32] *Ibid.* páginas 31-32
- [33] *Ibid.* página 37
- [21] ROTHBARD, Murray. *Por uma Nova Liberdade: O Manifesto Libertário*. Mises Brasil. 2013, página 140
- [25] MALCOLM, Joyce Lee. *Violência e Armas: A Experiência Inglesa*. Vide Editorial. 2014 páginas 177-178
- [27] QUIGLEY, Carroll. *Weapons Systems and Political Stability: A History*. University Press of America. 1983, página 924
- [28] *Ibid.* página 820-821
- [36] TOYNBEE, Arnold; BRYCE, James. *The Treatment of Armenians in the Ottoman Empire. 1915-1916*. GP Putnam Sons. 1916, página 156
- [37] HALBROOK, Stephen P. *Gun Control in the Third Reich*. Independent Institute. 2013, passim.
- [40] ZELMAN, Aaron S; STEVENS, Richard W. *Death by Gun Control*. Mazel Freedom Press Inc. 2001, passim.
- [42] TSE-TUNG, Mao. *Problems of War and Strategy*. Foreign Languages Press Peking. 1960, página 13
- [43] *Ibid.* página 14

#### ARTIGOS ACADÊMICOS E RELATÓRIOS:

- [2] KATES, Don; MAUSER, Gary. *Would Banning Firearms Reduce Murder and Suicide?* The Harvard Journal of Law & Public Policy 2007; Vol. 30, 2; 649-694
- [5] U.S. Department of Justice, National Institute of Justice, "The Armed Criminal in America: A Survey of Incarcerated Felons," Research Report (July 1985); página 27.
- [6] U.S. Department of Justice, Law Enforcement Assistance Administration, "Rape Victimization in 26 American Cities" (1979), página 31.
- [9] KLECK, Gary; GERTZ, Marc. *Armed Resistance to Crime: The Prevalence and Nature of Self-Defense with a Gun*. The Journal of Criminal Law and Criminology 1995; Vol. 86, 1; 150-187
- [10] *Ibid.* página 169
- [11] *Ibid.* página 181
- [13] NATIONAL SHOOTING SPORTS FOUNDATION. *Industry Intelligence Reports. Firearms-Related Injury Statistics*. 2014.
- [18] LOTT, John R., Jr.; LANDES, William. *Multiple Victims Public Shootings*. 2000. página 5
- [22] BENSON, Bruce. *Guns for Protection, and Other Private Sector Responses to the Government's Failure to Control Crime*. The Journal of Libertarian Studies 1986; Vol. VIII, 1; 75-109.
- [23] *Ibid.* página 78
- [24] *Ibid.* página 88
- [41] THE AMERICAN CIVIL RIGHTS UNION. *The Truth About Gun Control, Racism and Genocide*. 2015.
- [44] KOPEL, Dave B. *Review of Lethal Laws*. New York Law School Journal of International and Comparative Law 1995; 15: 355-398.

#### WEBSITES:

- [1] FRANKE, David. *Gun-Control Laws = 60% More Gun Murders*. Disponível em <<https://goo.gl/FZeztW>>
- [3] LOTT, John R., Jr. *Murder and Homicide Rates Before and After Gun Bans*. Disponível em <<http://goo.gl/7c1aVG>>
- [4] BENDER, Nicolau. *Controle de armas no Brasil: compilação de estudos pertinentes ao tema de controle das armas com enfoque para a realidade brasileira*. Disponível em <<https://www.defesa.org/cat/estatistica-e-ciencia/>>
- [8] SNYDER, Michael; WILLIAMS, Walter; PAUL, Ron; MOLYNEUX, Stefan. *Vinte fatos que comprovam que a posse de armas deixa uma população mais segura*. Disponível em <<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1974>>
- [12] *GUN violence in the United States*. In: Wikipedia: the free encyclopedia. Disponível em <[http://en.wikipedia.org/wiki/Gun\\_violence\\_in\\_the\\_United\\_States](http://en.wikipedia.org/wiki/Gun_violence_in_the_United_States)> Acesso em 24 mar 2015.
- [14] *LIST of countries by firearm-related death rate*. In: Wikipedia: the free encyclopedia. Disponível em <[http://en.wikipedia.org/wiki/List\\_of\\_countries\\_by\\_firearm-related\\_death\\_rate](http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_countries_by_firearm-related_death_rate)>
- [15] *NUMBER of Guns per Capita by Country*. In: Wikipedia: the free encyclopedia. Disponível em <[http://en.wikipedia.org/wiki/Number\\_of\\_guns\\_per\\_capita\\_by\\_country](http://en.wikipedia.org/wiki/Number_of_guns_per_capita_by_country)>
- [17] *Criança Segura*. Disponível em <<http://goo.gl/6O5nzy>> O artigo utiliza a estimativa de 2 milhões de piscinas no Brasil, disponível em diversos sites de empresas do setor.
- [20] BARKER, Davi. *Auditing Shooting Rampage Statistics*. Disponível em <<http://goo.gl/Vf11J4>>
- [26] PAVLICH, Katie. *The Need for Semi-Automatic "Assault" Weapons*. Disponível em <<http://goo.gl/WzRDcY>>
- [29] *SWORD Hunt*. In: Wikipedia: the free encyclopedia. Disponível em <[http://en.wikipedia.org/wiki/Sword\\_hunt](http://en.wikipedia.org/wiki/Sword_hunt)>. Acesso em 23 mar 2015.
- [30] SILVEIRA, Lucas. *Desarmamento no Brasil: Nunca se tratou de segurança pública*. Disponível em <<https://goo.gl/jF6plH>>
- [34] DE CARVALHO, Olavo. *Armados e Desarmados*. Disponível em <<http://goo.gl/VU5XAT>>
- [35] *DEMOCIDE*. In: Wikipedia: the free encyclopedia. Disponível em <<http://goo.gl/yo1xDz>>
- [38] GIACONI, Luiz. *Breve História do Desarmamento Parte 3: Controle de Armas no Mundo Comunista - O Leste Europeu e Cuba*. Disponível em <<https://goo.gl/bfgVLK>>
- [39] *1999 Firearms Fact Sheet*. Disponível em <<http://goo.gl/BMcE3Z>>

\* Refiro-me ao direito negativo à vida, ou seja, o direito de não ter sua integridade física ameaçada ou violada.

\*\* A grafia com letra minúscula para se referir ao estado é proposital, por motivos ideológicos.

\*\*\* Refiro-me ao conceito de docídio, termo cunhado pelo cientista político R.J. Rummels, definido como o assassinio de uma pessoa pelo seu governo. Inclui genocídios, politocídios e assassinatos em massa, mas exclui mortes em ações contra alvos militares, execuções penais e surtos de fome resultantes de ingerência socialista. O presente artigo utilizou a estimação do número de pessoas falecidas no Século XX feita pelo site Necrometrics, disponível em <http://necrometrics.com/all20c.htm>.

\*\*\*\* Joseph Goebbels foi o Ministro da Propaganda da Alemanha Nazista de 1933 a 1945.



# Palestra Liderança com FHC

por Sarah Vendrame



No dia 7 de Abril, o Insper recebeu o ilustre convidado Fernando Henrique Cardoso, sociólogo e ex-presidente da República, que proferiu uma palestra organizada pelos professores Carlos Melo e Fernando Schuler. Além do tema principal - liderança no mundo atual - o palestrante também abordou aspectos de seu próprio governo e temas recorrentes da atualidade, como legalização das drogas, privatizações e manifestações.

O ex-presidente afirmou que há, no mundo contemporâneo, uma sensação de vazio e de ausência de liderança, o que gera certo desinte-

resse pela política, e questionou:

“Dentro dos quadros da democracia, é necessário convencimento, que, etimologicamente, significa vencer junto. Quando as pessoas têm desinteresse pela política, é porque não se sentem vencendo junto, não se sentem dentro do jogo. Como diz Moisés Naím em *O Fim do Poder*, hoje nós temos outro fenômeno: as pessoas estão mais informadas. Embora não estejam ligadas ao meio político, elas estão conectadas umas com as outras, circulando informações o tempo todo. Esse fenômeno é um novo ator no cenário político, fenômeno

dessa época, com políticos de uma outra época. Nós temos, então, esses líderes treinados em um tempo em que a liderança era exercida pela persuasão cara a cara, e com pessoas movidas por interesses mais imediatos. Nós tínhamos recursos de poder: quem tinha poder era quem tinha a capacidade de dar e tomar. Hoje, você não pode tomar nada de uma multidão conectada, que tem informações e que, de vez em quando, quer participar. Como vamos liderar nesses termos?”

FHC explicou porque a liderança atual passou a requerer certas qua-

idades adicionais às lideranças antigas:

“Apesar de a liderança sempre ter sido persuasiva, antigamente a liderança estava muito mais ancorada com o poder de dar e tirar, com a força, do que realmente o convencimento. O convencimento vinha junto com isso. Atualmente são demandas difusas, e é necessário que o discurso tenha a capacidade de tocar as pessoas. Requer uma liderança de estilo moral, o que é novo, pois fomos levados a perder o sentido de liderança com base em moral. Fomos nos habituando com a liderança com base no “toma lá, dá cá”, e é nisso que a democracia implica. Por exemplo nos EUA: por que o Obama foi eleito presidente da República? Porque ele simbolizava algo e

tocava em setores que a política tradicional não toca. Hoje, requeremos também uma certa exemplaridade. As pessoas que conseguem, através de seu modo de viver, de ser, simbolizar algo que diga respeito ao que a população quer, lideram. O Obama representava os negros, os latinos que estavam fora da jogada. A Hillary, embora, a meu modo pessoal de entender, fosse mais capaz de governar, não tinha esse simbolismo. O próprio Lula, por exemplo, surgiu muito mais simbolizando o que ele era: operário, pobre, veio do Nordeste, subiu, e também por sua capacidade de persuasão, simbolizou, expressou. Logo, a liderança que falta hoje não é a liderança capaz de fazer acordos no congresso, ou a liderança capaz de fazer a máquina pública em setores específicos, mas é a lideran-

ça que fale mais amplamente a uma população que está, aparentemente, desinteressada em política mas informada. E que de vez em quando reage. É necessário esse discurso. Por que a Marina teve votos? Ela não tinha estrutura partidária nenhuma, mas teve votos porque, de alguma maneira, ela tocava as pessoas, seja por causa da ecologia, seja por causa do seu comportamento simbólico. É claro que não tem só isso, é necessário que nós tenhamos uma política que tem partidos e, bem ou mal, a população percebe se a pessoa tem capacidade ou não de governar. Resumindo, nós estamos diante de um novo tipo de eleitorado, e falta esse novo tipo de liderança.”

Quando questionado sobre os grandes líderes do período pós-Guerra

Fria, que inclui seus dois mandatos, mencionou diversos nomes, tais como Bill Clinton nos EUA, Felipe Gonzalez na Espanha, Nelson Mandela na África do Sul, Tony Blair no Reino Unido e Helmut Kohl na Alemanha. Citou a grande presença de Clinton ao adentrar os recintos, falou de como Gonzalez foi responsável por fazer a Espanha moderna, do heroísmo de Mandela e das peculiaridades de Blair e Kohl:

“Tony Blair é muito inteligente mas não tem as mesmas qualidades dos outros líderes, é diferente. Já o Kohl, me impressionou muito. Certa vez nos encontramos e ele quis me dar lição de como governar o Brasil, do que eu tinha que fazer aqui na América do Sul. Ele era um tipo forte, que tinha sua visão de mundo. Toda essa gente que tem uma grandeza, os líderes que eu citei aqui, todos eles tinham um conhecimento da História.”

Remetendo-se à dominação carismática tipificada pelo sociólogo Max Weber, o ex-presidente comentou a dualidade presente nos líderes carismáticos:

“Max Weber dizia que a tendência da sociedade contemporânea é a burocratização. E ele tinha horror a isso, pois a burocratização para a criatividade, a inovação. Quando a sociedade está muito enrijecida, quando os líderes da sociedade são

incapazes de dar uma palavra que toque as pessoas, só um líder carismático pode quebrar isso. A capacidade de mover o mundo depende, na política, quando está tudo muito fechado, de alguém que tenha carisma, que seja portador da nova mensagem. É um homem perigoso também, porque se for só portador de uma nova mensagem e não for democrático, ele pode fazer o que quiser. Hitler era assim, até certo ponto Stalin também, mas eram



líderes carismáticos que quebraram as estruturas. Esse é o risco. Mas no caso das sociedades nossas, contemporâneas, de massa, ou você tem um pouco de carisma, um pouco dessa capacidade de tocar, ou também não move nada. Vamos falar de Brasil e Venezuela. Eu conheci bem o Hugo Chávez. Ele era carismático, ele era ator. No mundo contemporâneo, o líder político é um pouco ator. Se ele não prender a atenção como ator, é difícil que tenha sucesso. O Chávez era um ator. Sempre chegava atrasado, chamando a atenção, tinha uma certa presença de ator. Mas ele destruiu as insti-

tuições na Venezuela porque elas eram relativamente fracas, e esse carisma dele permitiu que ele fizesse do país uma grande desordem. Se você não tem instituições presentes, um líder desse é perigoso. Agora, se você tiver essas instituições, é preciso se adequar a elas. Ele funciona mas ele não destrói, porque a instituição tem que ser mais forte que o líder. Então nós temos que olhar sempre para as instituições; Elas têm que funcionar, e para isso é preciso o gerente. Mas o líder não tem que ser o gerente."

**"É um homem perigoso também, porque se for só portador de uma nova mensagem e não for democrático, ele pode fazer o que quiser."**

O professor Fernando Schuler retomou a questão dos grandes líderes do pós-Guerra Fria e pontuou os desafios de governar naquele tempo, além de lembrar os 30 anos de democracia brasileira, completados este ano: "Qual o seu balanço desses 30 anos de democracia no Brasil?" Fernando Henrique disse ter uma visão positiva:

"A sociedade brasileira mudou muito, evoluiu muito, a força das instituições brasileiras também, das organizações sociais que existem, das universidades. Eu nasci há 83 anos. Eu vi o Brasil mudar. Não posso ter uma visão pessimista pois o Brasil em que eu nasci, fui criança, adolescente e mesmo adulto, era um Brasil muito mais sem esperança do que o de hoje. Nós tínhamos a consciência da pobreza mas não tínhamos os meios para acabar com ela. Tínhamos que acumular muita riqueza para poder enfrentá-la com alguma chance de êxito. Eu assisti diversas vezes à democracia sumir no Brasil. Assisti à ditadura do Getúlio Vargas, em 1937. Lembro-me perfeitamente de uma solenidade que vi quando menino, de queimar as bandeiras dos estados na Praça Roosevelt no Rio de Janeiro porque era para unificar o Brasil. Eu ia pra lá, cantar canto orfeônico com o Villa-Lobos regendo, no Dia da Raça! Veja que coisa tremenda: o Dia da Raça. Uma coisa meio nazista, não é? Vimos o que foi a ditadura de Getúlio, sabia-se de torturas e etc. Vimos o que aconteceu depois de 1964, no governo dos militares. Hoje, nós atingimos um grau de liberdade muito grande. É algo simples: hoje nós não temos mais medo, politicamente. Antes não era assim. Eu tinha medo. Porque em certos momentos do regime autoritário toca a campainha, toca o telefone no meio da noite e você não

sabe o que é. Pode ser qualquer coisa. Tem gente que some, inclusive gente que você conhece e some. Isso parece estar dissipado. A vida do brasileiro depois da Guerra do Paraguai, o grande partido brasileiro era o exército, que a toda hora interferia. Hoje você não sabe o nome dos comandantes militares. Não sabe quem é o comandante geral do exército. Antes se discutia toda hora no jornal a posição de um ou de outro militar. Nós vivíamos em torno dessa presença fantasmagórica e real dos militares. Acabou isso. Nós temos uma liberdade de imprensa enorme. Tivemos uma multiplicação de escolas extraordinária. Eu acho que tudo no Brasil avançou, até a economia. Bem ou mal nós demos um salto enorme na economia. Nós estamos numa crise, todo mundo sabe disso, mas eu não sou pessimista em achar que o País não tenha um potencial, não tenha capacidade de retomar seu caminho mais adiante. Acho que a resposta é afirmativa, de que nós avançamos."

Carlos Melo se posicionou em relação aos grandes líderes brasileiros. Para ele, os dois últimos grandes líderes que o Brasil conheceu foram o próprio Fernando Henrique Cardoso e seu sucessor Lula. O professor comentou como era visível a liderança e movimentação no Congresso tanto antes do Golpe Militar quanto depois da redemocratização do país, mas que isso não é mais perceptível nos dias de hoje, e questionou:

"Será que é só devido às mudanças que Naím fala em seu livro ou nós construímos essa visão de que a política não funciona? E nesse sentido me refiro àquilo que Weber fala do 'Legado de Bismark', que sinalizava o risco de líderes carismáticos."



Ao responder à pergunta do professor Carlos Melo, o ex-presidente afirmou ser inegável o fato de que isso não se deve apenas às revoluções às quais Naím se refere, e disse que tais mudanças na liderança não ocorrem apenas no cenário político. “Veja as igrejas, por exemplo. Quando eu fui presidente da República, tinha uns quatro ou cinco cardeais que eu conhecia de nome, de andar junto, de telefonar, porque eles tinham peso. Hoje você sabe o nome do cardeal da sua diocese e olhe lá. Também tinha, na OAB, uma disputa pela presidência que era uma coisa de ressonância nacional. Nós tínhamos uma porção de coisas assim, mas por que não hoje? Eu acho que isso tem a ver com a redemocratização, o que é positivo. No meu tempo, era a elite que ia para o Congresso. Hoje nós temos newcomers no Congresso que ainda não têm as habilidades suficientes para se destacar. Se nós formos ver, a profissão dos congressistas mudou muito. Até a colocação começa a mudar. Isso não é negativo, é positivo. O que surgiu de novo nessa fase? Os líderes sindicais. O Lula veio do sindicato, o Vicentinho, líder da bancada do PT, veio do sindicato. Houve um momento no Brasil após a redemocratização em que teve um avanço grande, uma mobilidade social muito intensa, e isso dificultou a cristalização de novas lideranças. Mas esse movimento ascensional de camadas que antes não apareciam foi positivo. No entanto, os novos líderes vão ter que se rever com essa sociedade diferente, e eles também não estão preparados para todas essas dificuldades dessa nova sociedade. Nós reclamamos aqui da ausência de líderes mas, por outro lado, não precisa ser assim. Tem vezes em que a situação cria o líder. Veja na Segunda Guerra Mundial: Churchill era do ‘baixo clero’ e virou um gigante. O Roosevelt era um politiqueiro do Partido Democrata e também virou um gigante. Eles tiveram a oportunidade e se afirmaram de maneira tremenda. Eu não sou desesperançado no sentido de que não serão criados novos líderes. Mas hoje a sociedade é mais auto-regulável. Talvez ela requeira menos líderes. Alguns tem que ter, para falar ao país, tem que ser alguém que tenha um pouco mais de ascensão moral sobre os demais. Mas nós precisamos ter muita gente competente em suas esferas. É possível que esse ‘competentismo’ tenha matado a liderança, mas daqui para a frente não vai ter jeito, nós temos que ter gente competente. Vamos ter que conciliar esse vazio e, portanto, necessidade de personalidades fortes com a sua compreensão da importância do ‘gerentismo’. Nós não conseguimos fazer funcionar uma sociedade moderna sem ter gente especificamente competente.”

O ex-presidente, que comandou diversas privatizações, foi questionado sobre por que privatizar é um



tabu, ainda que tal processo apresente um histórico de sucesso. “Eu remei contra a maré” - afirmou.

Disse ainda que as instituições brasileiras são democráticas mas a cultura não, e que nesse ponto, nossa cultura é atrasada. Fernando Henrique também confessou que, antes de ser presidente, era contra a quebra do monopólio e que, já presidente, tinha dúvidas em relação à privatização da Vale do Rio Doce. Para ele, tudo se resume ao esquecimento de um fenômeno: a globalização. Quanto a isso declarou:

“A cultura em que eu fui criado permanece, mas o mundo mudou. A grande luta que eu tive como presidente da República foi mostrar para essas pessoas – que se dizem progressistas – que o mundo mudou. ‘Olha, o mundo mudou! Vocês estão pensando de uma maneira que não tem mais vigência! Não é porque você está traindo os seus valores. O mundo mudou e os valores são outros! Ou você entende isso ou fica para trás’”.

Complementou dizendo que a maior parte da população era a favor da flexibilização do monopólio da Petrobras, mas que muitos de seu próprio partido e de partidos da oposição eram contra, e que precisou explicar que ele não estava vendendo a empresa. Acrescentou: “As pessoas não entendem que a questão central é a competição e a introdução de técnicas novas. Não adianta tirar o monopólio do público e colocar no privado, dá no mesmo. Tem que ter competição”.

Segundo FHC a Petrobras era – e voltou a ser – uma repartição pública, ou seja, dominada pelo poder político e infiltrada pelos partidos: “O escândalo do petrolão é um retrocesso corporativista e um retrocesso cultural enorme, porque se esqueceram do gerenciamento necessário, do empreendedorismo necessário e voltaram a ter a ideia de que é o poder político que decide tudo. É a ingerência no manejo dos negócios, e a pressão para você fazer os negócios de acordo com os interesses políticos. Eu me lembro perfeitamente do meu tempo lá, da Petrobras, o governador do Ceará, de



Pernambuco, do Rio Grande do Norte, do Maranhão, todos queriam o que? Uma refinaria. E a Petrobras dizia o que? 'Não dá. É muita refinaria, é excesso, está longe da demanda maior, está longe do fluxo maior de petróleo, não dá'. Eu não fiz. O presidente Lula mandou fazer quatro. Deu no que deu. (...) Não entenderam que a vontade política, quando vai contra os interesses do mercado, ou ela quebra as empresas, ou ela fica ineficiente".

Ao comentar o livro Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda, o ex-presidente afirma que a crítica presente no livro é ao homem cordial, ou seja, àquele que age por impulso, pois a democracia requer a vontade abstrata, geral, igual para todos. Fernando Henrique acredita que essa ideia de "igual para todos" é o que falta no Brasil, e menciona o episódio em que o ex-presidente Lula disse que Sarney não era uma pessoa comum: "É claro que cada um de nós é diferente dos demais, mas você não pode dizer isso perante a lei. Se eu fizer algum crime, eu sou um homem comum, tenho que ir para a cadeia".

O sociólogo acredita também que a falta dessa noção de igualdade está diretamente relacionada com a cultura brasileira. Acrescentou: "Você não muda a cultura por decreto, você muda por práticas. E a prática principal é a exemplaridade".

O palestrante afirmou que quem está no poder deve dar o exemplo a ser seguido pelas instituições, e contou que, após o final de seu segundo mandato, precisou se re-educar: "Eu deixei a Presidência da República, vim a São Paulo de avião presidencial com a minha mulher, a Ruth, chegamos aqui, trocamos de roupa na base aérea, tomamos um avião comercial e fomos para a Europa, pagando. Eu fui sem nenhum ajudante. Nem assistente, nem segurança, nada, e disse aos embaixadores lá em Paris, que eram meus amigos pessoais, que eles podiam ir ao aeroporto mas que não era para levar aquele pessoal todo. E fui para

um hotel perto de Paris. Aí veio a polícia francesa tocando sirene, apitando e tal, acompanhando meu carro. Cheguei lá, chamei o chefe da polícia e o dispensei. Falei que se ele tivesse que cumprir ordens, que o fizesse longe de mim. Agradei muito, muito gentil, mas não precisava. A polícia francesa sabia onde eu iria ficar, estava tudo certo, e eu falei pro embaixador: 'Quando eu precisar de automóvel, eu peço'. E passei a andar de metrô. Por quê? A gente tem que desinflar. Quando é muito poderoso, tem que desinflar, se não a gente se torna uma pessoa desagradável."

Antes de abrir para as perguntas, Fernando Schuler abordou a questão da legalização de algumas drogas, uma medida polêmica defendida pelo ex-presidente. FHC quis, primeiramente, deixar claro que, apesar dos boatos, não é usuário de drogas. Em segundo lugar, falou que o acesso à droga no Brasil é livre, mas o mercado está nas mãos dos bandidos, que fornecem um produto de péssima qualidade. Comentou também que embora a legislação não preveja a prisão de usuários, na prática uma pessoa pega com uma quantidade de droga maior que a necessária para o seu consumo momentâneo é julgada como traficante, e que "uma vez condenado como traficante, não sai mais da roda". Além disso, relatou uma conversa com o ministro da Saúde de Portugal, na qual foi dito que "o conceito de drogas leves e drogas pesadas é enganoso porque maconha a toda hora faz tão mal quanto cocaína de vez em quando" e que, portanto, a questão não é proibir e liberar, e sim regular com certas condições. Por fim afirmou que os agravantes que temos no Brasil são a violência e o armamento dos traficantes.

O palestrante comentou a questão do racismo, conceito que se era negado antigamente no País, e comparou o racismo brasileiro com o norte-americano: "Nos EUA, é pelo sangue. Se sua avó é negra, você é negro. Aqui não, você pode ir branqueando, é mais pela cara. E ainda é relativo. Se for mulher bonita, passa; se for homem atlético, passa. É outra cultura, e passamos a adotar uma visão como se fôssemos americanos, até que chegamos às cotas, que foram criadas nos Estados Unidos e criticadas depois. Mas aqui, passamos a valorizar o diferente em vez de partir do princípio de igualdade. Não é porque você é diferente que é melhor do que eu. Nós somos iguais".

Ao abrir para as perguntas dos alunos, foi perguntado ao ex-presidente sobre as manifestações: "Por que as manifestações que aconteceram no país desde 2013 e continuam acontecendo ainda hoje não refletiram nas urnas?", a que Fernando Henrique respondeu: "Eu discordo, não acho que não tenha refletido no compor-



tamento eleitoral. Acho que refletiu sim. Na minha interpretação – e eu posso estar errado, não quero ser partidário – quando acompanha, não só essa eleição, mas o conjunto das eleições no Brasil, você vê que onde tem mais mercado vota na oposição. Onde tem a presença do governo mais forte, vota no governo. Logo, essas manifestações ocorreram nas áreas que são mais independentes do Estado. A presidente atual foi eleita por um Brasil e tem que governar com outro. Resultado: tem que nomear um Ministro da Fazenda que representa o outro lado”.

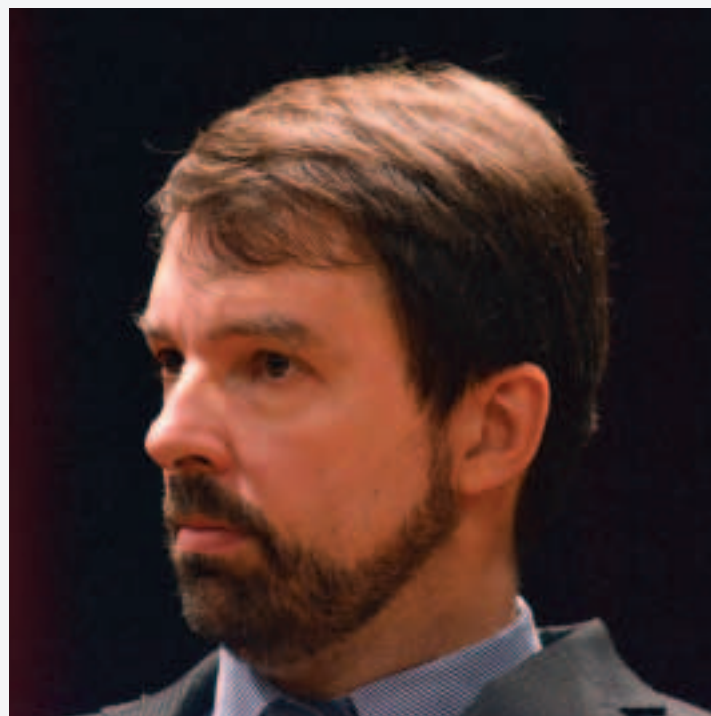
Também perguntaram, dentre outras questões, sobre a crise política atual no Brasil: “Essa crise se dá por uma questão econômica, por um erro de articulação do Congresso ou vai além disso?”.

O ex-presidente respondeu :

“Nesse momento temos um acúmulo de crises. Houve um esgotamento do estilo econômico de governar. Isso que chamaram de nova matriz econômica é uma coisa muito simples: mais crédito, sobretudo público, e mais consumo. Estourou. Não tem mais crédito para dar, já não tem investimento. Nós estamos numa crise desse modelo. Além disso você tem também uma questão que é: o mundo mudou e mudou contra. Se você pegar o que aconteceu no final do meu governo, o último ano, foi difícil, porque todo mundo achava que se o presidente Lula ganhasse, ia ser uma catástrofe. Então a inflação subiu, foi preciso pedir dinheiro emprestado no FMI, e tal. Veio 2003, o Palocci foi nomeado o ministro, o Palocci entendeu a situação, viu que o que nós tínhamos feito era fundamental, que seria mantido, manteve e veio a maré positiva. Foi o boom das commodities, de 2004 em diante. Aí veio a crise em 2008, o governo entendeu que existia uma crise e que tinha que fazer uma política, mas começou a pedalar e cometeu muitos erros. Houve erros brutais na parte de energia. Erros merecedores de Prêmio Nobel ao contrário. A Dilma é responsável direta - porque ela foi Ministra da Energia, fez parte do conselho da Petrobras – pela crise da Petrobras, do etanol e das elétricas. É muita dose de crise. E tem uma questão política que é de liderança. Nós falamos do Congresso e tal, mas aí é outro tipo de problema. Em parte reflete a divisão que temos no país, de um Brasil mais dinâmico e um Brasil

mais dependente do governo. Mas em parte tem a ver com a compreensão de que o Executivo tem que conversar com o Congresso. Compreensão que o presidente Lula tinha, mas a presidente Dilma não tem. E você também tem, pela primeira vez depois de muito tempo, alguns elementos de crise de mal estar social. Já se tinha um mal estar genérico nas manifestações do passado, de 2013, 2014, mas agora você tem um mal estar mais específico que é gente que está começando a ficar desempregada, as pessoas começam a senti o custo de vida mais elevado, a taxa de juros é mais elevada, e o desemprego. Então a situação agora é complicada. Tem a questão social que não é dramática mas está aí, tem pressão, reivindicação, e você tem uma certa inércia na condição política”.

Por fim, Fernando Schuler perguntou: “Quais valores o senhor seguiu nessa trajetória?”



O sociólogo respondeu que governou sempre ouvindo muito, já que as pesquisas não refletiam o pensamento individual. Disse que sempre conversou e escutou muito, como podia, com o garçom, com o limpador da piscina etc.

“Minha profissão era ouvir, eu fazia pesquisa”.

Sob fortes aplausos, o ex-presidente da República se retirou, deixando um auditório cheio e salas de transmissão lotadas de futuros líderes, inspirados por um dos maiores líderes que o País já teve nos últimos anos.

Disse que sempre conversou e

escutou muito, como podia, com

garçom, com o limpador da piscina etc.

"Somos o que fazemos, mas somos, principalmente,  
o que fazemos para mudar o que somos."

Eduardo Galeano

O Sol se pôs para o Jornal Opinião e agora nasce para a Revista Inspere Post.

A mudança de denominação e de nome reflete a ideia da nova gestão de criar uma entidade totalmente nova.

Não mais um jornal, e sim uma revista, termo que reflete melhor aquilo que queremos levar à Comunidade Inspere: um veículo diversificado, com sessões fixas e artigos avulsos, que cubram temas para todos os gostos, tanto relativos ao Inspere quanto de interesse geral.

A consolidação da nova cultura deve começar no nome da entidade, o que nos fez mudar de Opinião para Inspere Post. Não nos limitaremos à polêmica e a assuntos críticos, mas traremos também diversão, cultura, dicas, cobertura de eventos e temas de interesse para o nosso público-alvo. Inspere Post dá uma ideia melhor do nosso objetivo.

Quando nossa equipe se reuniu entusiasmada para criar algo tão inédito, percebemos que isso necessariamente envolveria desafios insólitos. Para enfrentá-los era preciso traçar um plano de ação sólido baseado em diretrizes bem definidas.

Estabelecemos então três pilares que nortearão o projeto, alinhando toda a energia criativa para o objetivo de atender as necessidades do

público. São eles:

1. **Informação:** O Inspere Post deverá ser capaz de trazer informações atualizadas sobre os eventos que permeiam a vida no Inspere e sobre acontecimentos relevantes no Brasil e no Mundo. Para cumprir nosso objetivo, decidimos fazer amplo uso das redes sociais. Nossa página no Facebook conterà artigos exclusivamente online, notícias e cobertura de fatos e eventos. O braço online do Inspere Post adquire assim o mesmo peso que a publicação física.

2. **Integração:** O Inspere Post deve ser um elemento de coesão, em torno do qual a Comunidade Inspere se integre ainda mais. Uma das maneiras de atingir esse objetivo é estar mais presente na vida do aluno. Por isso decidimos aumentar a frequência da publicação física, de semestral para trimestral.

Teremos também sessões fixas com dicas de carreira, questões do GMAT, e entrevistas com professores, alunos e funcionários. A ideia é que, através da ambientação proporcionada pela leitura da revista, os leitores se sintam cada vez mais parte integrante do Inspere.

3. **Entretenimento:** A música de Arnaldo Antunes diz: "A gente não quer só comida, A gente quer comida, diversão e arte!" E o Inspere Post não seria completo sem o pilar da diversão e da arte,

que chamamos entretenimento. Queremos que os leitores tenham prazer em ler nossas publicações e possam se deleitar com uma crônica ou dar muita risada com uma tirinha humorística.

Com base nesses pilares, concebemos novos projetos, como trazer palestrantes e promover feiras de livros.

Tantos desafios exigem a formação de uma equipe disposta a assumir essas tarefas e lutar para que o sonho se realize. Recrutamos muitos bixos e bixetes, que já se integraram aos veteranos. Para nós é uma honra fazer parte das primeiras experiências desses alunos na faculdade. E almejamos agora a honra de fazer parte da vida de todos os membros da grande Comunidade Inspere. ■

**Paulo Kogos**  
Diretor de Redação



# Globalização: Clichê ou realidade?

por Cinthia Pestana Haddad, aluna da pós-graduação em Certificate in Business Administration

Dizer que a globalização está presente em tudo é ao mesmo tempo uma frase clichê e uma verdade. Clichê de tanto falada. Verdade porque é simplesmente uma realidade. É esta realidade globalizada que será tratada por meio de duas manifestações suas.

A primeira manifestação é uma rede de conhecimento global. A relevância disso pode ser medida por índices de internacionalização em rankings de universidades. Por exemplo, a QS World University Rankings utiliza dois fatores deste âmbito, entre outros, para compor a nota de uma faculdade – proporção de estudantes e corpo docentes internacionais. [1]

O Financial Times publica sete rankings anuais nos quais as faculdades são avaliadas por medidas de internacionalização, como mobilidade internacional, exposição internacional, e diversidade internacional, em que está inclusa corpo docente e alunos internacionais e diversidade de nacionalidades. [2]

Outro ponto que comprova isso é a existência de departamentos de relações internacionais em diversas faculdades do mundo, responsáveis por convênios de intercâmbio, representação nos meios internacionais, e outras atividades relacionadas.

Cursos de MBA globais também evidenciam essa rede. Existe um MBA formado por escolas parceiras

no Brasil, México, Holanda, Estados Unidos e China. O TRIUM é fruto da associação entre a London School of Economics, HEC Paris e NY Stern. [3]

A lista destes cursos é bem extensa. Pode-se dizer que a globalização educacional é uma forte tendência, e que com toda certeza, propicia resultados muito positivos para pessoas, instituições acadêmicas, países e empresas, já que a troca de experiências é útil na ampliação de visões e construção de networking.

A segunda manifestação está no desenvolvimento de negócios. Tratarei este ponto em duas situações. Atualmente, existem muitas empresas que aproveitam os mercados internacionais para oportunidades de expansão dos seus negócios, desta forma, promovem aumento das suas fontes de receita e mercados consumidores.

Este tipo de atuação, em tempos de desaquecimento econômico interno, pode ser uma boa alternativa para que as empresas não enfrentem uma queda relevante em suas atividades. Por exemplo, existem mercados na América Latina que têm apresentado crescimento econômico mais elevado que o Brasil, como Colômbia e Peru.

Claro, que o processo de internacionalização de uma empresa não é simples, mas com um planejamento estratégico bem feito é

viável, e tendo em mente que tal escolha deve fazer sentido ao negócio. A outra situação é que os mercados internacionais podem servir como fontes para inovação ou melhoria de processos por meio de benchmarking, com o intuito de agregar valor ao negócio. É possível identificar isso quando donos ou funcionários de uma empresa realizam viagens internacionais para verificar tendências, para, por exemplo, uma nova coleção de roupas ou um novo brinquedo.

A globalização é uma realidade porque a sua presença é encontrada objetivamente e facilmente, como na vida das pessoas ao levar em consideração ranking internacionais na escolha da faculdade ou fazer um intercâmbio, e nos negócios ao optar pela internacionalização ou benchmarking.

É um momento em que a existência deste fenômeno deve ser incorporada nas decisões. Possui um ritmo próprio que é capaz de criar danças jamais conhecidas. ■

## Referências:

[1] Para ver os outros fatores que compõem a nota, entrar em <http://www.iu.qs.com/university-rankings/world-university-rankings/>.

[2] Para saber mais sobre os rankings do Financial Times, entrar em <http://rankings.ft.com/businessschoolrankings/>.

[3] <http://www.triუმemba.org/>

# QUEM FAZ

por Paulo Kogos



Na sessão “Quem Faz” apresentamos ao público os homens e mulheres responsáveis pelo funcionamento do Insper. São os guerreiros dos bastidores, que permitem que tudo isso funcione! A cada edição traremos uma entrevista com funcionários do Insper ou das empresas terceirizadas.

Para a estréia do “Quem Faz” escolhemos alguém especial, que vive salvando alunos, professores e funcionários nos momentos mais difíceis. Quando as máquinas parecem se revoltar contra a humanidade, eis que surge ele: Robson de Oliveira, do Help Desk!

**Insper Post:** Qual o seu cargo aqui no Help Desk?

**Robson de Oliveira:** Aqui eu sou um analista pleno de infra-estrutura.

**IP:** Há quanto tempo você trabalha no Insper?

**RO:** Há 2 anos.

**IP:** Como você chegou ao Insper?

**RO:** Por indicação de um outro projeto em que eu estava trabalhando.

**IP:** Quais as habilidades requeridas para o seu cargo?

**RO:** A pessoa deve ter um curso técnico na área de informática, onde ela aprende a mexer com a parte de hardware e software. E também deve ter uma boa dinâmica com as pessoas, um bom relacionamento interpessoal. Você atende várias pessoas, desde a diretoria até os funcionários da limpeza. Hoje, para que se trabalhe nessa área, não basta ser um técnico simplesmente. É preciso estar sempre conversando com todo mundo. E sempre se atualizando!

**IP:** Então as habilidades interpessoais estão cada vez mais importantes?

**RO:** Sim, hoje em dia estão. Não só na minha área, mas em todas. Você precisa disso pra tudo.

**IP:** Como você descreve o seu trabalho? O que você faz no dia-a-dia?

**RO:** No dia-a-dia, logo cedo temos a passagem de turno que é repassada do dia anterior no período noturno. Devemos verificar quais demandas devem ser atendida de prontidão. Checamos os e-mails para saber onde vamos ter atendimentos de sala, ou então

alguns eventos que temos que preparar, como aulas pros professores ou imprevistos que podem acontecer durante o processo.

**IP:** Existe algum período do semestre onde a rotina fica mais exaustiva?

**RO:** Sim, normalmente no começo das aulas, quando entra uma turma nova. Normalmente, quando entra uma turma nova no Insper, o índice de procura do Help Desk aumenta uns 300%! O pessoal tem que se acostumar, aprender para que serve o Help Desk, e vão trazer muitas dúvidas que surgem durante o começo: como se usa o Blackboard, quais as ferramentas, posso pegar notebook emprestado, como eu faço login, como eu adiciono uma optativa no aluno on-line?

São várias perguntas que vêm dos alunos. Principalmente dos alunos.

**IP:** Os bixos tem mais dificuldade?

**RO:** Ah, com certeza! Os bixos normalmente vêm o Help Desk como um salvador, porque estamos aqui de prontidão pra atendê-los, sempre que pudermos. Às vezes eles vêm com várias dúvidas, e nós esclarecemos, ou vêm com problemas, e nós indicamos o caminho correto pra solucioná-lo.

**IP:** Você acha que os bixos de engenharia tiveram menos dificuldade?

**RO:** Não. Tiveram a mesma dificuldade, porém, por eles mexerem com a área tecnológica, foi mais fácil

passarmos informações técnicas a eles. Mas as dificuldades são as mesmas.

**IP:** Qual a parte mais desafiadora do seu trabalho?

**RO:** Mais desafiadora? Todo dia você tem que matar um leão!

**IP:** E o que você mais gosta aqui?

**RO:** O relacionamento que tenho com todos os alunos, professores e colaboradores do Insper. Aqui nós temos uma boa afinidade.

**IP:** E qual a parte que você menos gosta?

**RO:** O que eu menos gosto? Não diria que é o que eu menos gosto, mas tem época que você fica sobrecarregado. Não que eu não goste, mas acaba sugando muito a pessoa.

**IP:** Quais as suas aspirações para o futuro?

**RO:** Bem, hoje eu, pessoalmente, gostaria de fazer uma faculdade na área determinada que eu estou pensando, concluí-la e enfrentar novos desafios.

**IP:** Qual é essa área?

**RO:** Redes.

A Equipe Insper Post deseja boa sorte ao Robson na realização das suas metas e agradece toda essa dedicação! ■

quando entra uma turma nova

no Insper, o índice de procura

do Help Desk aumenta uns 300%!



# Dicas do Carreiras

O Insper Post, com a ajuda o Núcleo de Carreiras, apresenta nesta seção recomendações e dicas para se dar bem em processos seletivos.

Nesta edição, falaremos sobre entrevistas; confira agora o que você deve ou não fazer quando esta sendo entrevistado:

## Preparação

- 📌 Procure conhecer a empresa o melhor possível: seus costumes, áreas de atuação e seus valores.
- 📌 Se vista adequadamente. A sugestão para homens geralmente é o traje social completo; mulheres devem evitar o uso de decotes e saias justas. Um cabelo bem arrumado é sempre um adendo. Lembre-se também de não exagerar no perfume.
- 📌 Muitas empresas ainda não aceitam tatuagens e piercings. Então, sempre que possível, tente esconder ou removê-los.
- 📌 Jamais masque chicletes!
- 📌 Planeje seu tempo de maneira que você não se atrase de maneira alguma.

## Durante a entrevista

- 📌 Cumprimente o entrevistador com um aperto de mão.
- 📌 Seja objetivo. Se não entender peça que repitam.
- 📌 Cuidado com gírias, afinal o entrevistador não é seu amigo. Portanto, seja formal e chame-o pelo nome.

## ACERTOS E ERROS COMUNS



### Acertos

- 📌 Ter certeza de que seus interesses estão alinhados com os da empresa.
- 📌 Ter suas principais realizações na memória.
- 📌 Exponha seus pontos fortes: saiba vender seu peixe!
- 📌 Ter conhecimento de várias línguas ajuda, mas é preferível que você tenha domínio total do inglês antes de tentar se aperfeiçoar em outros idiomas.



### Erros

- 📌 Criar um personagem ou inventar feitos inexistentes.
- 📌 Ter respostas ensaiadas.
- 📌 Ser excessivamente informal.
- 📌 Contar muitos detalhes sobre a vida pessoal.
- 📌 Não fazer nenhuma pergunta sobre a vaga, a área e a empresa.

### Para mais informações, acesse:

Página do Núcleo de Carreiras no Portal do Aluno: <http://goo.gl/q7gptN>

Site do Insper: [www.insper.edu.br/carreiras/](http://www.insper.edu.br/carreiras/)

Curta a respectiva página no Facebook: [www.facebook.com/carreirasinsper](http://www.facebook.com/carreirasinsper)

# Lições Insperianas

por Gabriel Feher Radomysler



Sim, já até sei o que você vai me dizer... 'O que esse cara tem pra me dizer? Ele ainda nem se formou'. Bom, meu caro leitor, confesso que, de fato, ainda não tive grandes experiências no mercado de trabalho. Entretanto, o que venho dizer aqui é fruto de 4 anos vividos (e muito bem aproveitados) nessa maravilhosa instituição que teremos como alma mater.

Após oito semestres de MT's, quizzes, finals, atividades complementares, entidades estudantis, Tequiladas, Economíadas e muito mais, vi que a vivência na faculdade tem muito a nos ensinar. Saiba que você só passa por isso uma vez e, portanto, tire o máximo que der de sua experiência. Para isso, seguem 8 lições que aprendi (uma para cada semestre, mas a serem aplicadas para todos eles) que talvez te ajudem a ter a melhor experiência de sua vida, seja você bixo ou veterano.

## 1. Não estude demais!

"Nossa, eu só ouvi o contrário". É, meu caro leitor... Essa é direcionada aos CR's altos: nota não é tudo na vida. Sei que nossos pais e professores sempre nos incentivaram a buscar aquele pontinho extra e a cultura da nota está profundamente enraizada em nossas mentes. Entretanto, o quão bem você foi na prova não

reflete o aprendizado, então se concentre em efetivamente aprender a matéria. Pense, por exemplo, coisas como "onde posso aplicar isso na minha vida?" e busque isso no seu dia-a-dia. Quanto mais cedo perceber isso, mais vai gostar das matérias, e melhor o seu aprendizado (sim, aprender e não decorar!)

## 2. Vá atrás do que você ama

No Insper, somos sempre bombardeado com "Mercado Financeiro, Mercado Financeiro, Mercado financeiro!". Entretanto, ao entrar na faculdade, muitos de nós acabamos nos esquecendo do que realmente gostamos e abandonamos isso. Quanto livros você não deixou de ler, esportes que deixou de fazer ou paixões que deixou de seguir ao entrar na faculdade? A lição aqui é: não se esqueça daquilo que você ama. Eu sempre faço uma pergunta para as pessoas que conheço que ajuda a guiá-las: "Se você tivesse todo o dinheiro do mundo, como ia passar o resto da sua vida?". Então, vá mergulhar, fazer doces ou até mesmo ler finanças, se essa for mesmo a sua paixão. O importante nunca esquecer que você realmente é.

## 3. Intercâmbio é tudo (só sabe disso quem foi)

Em termos atuais: "Só vai!". A oportunidade de uma

vivência internacional, seja um curso, uma faculdade ou até um emprego, são essenciais. Dizem por aí que o intercâmbio “abre a sua cabeça”, e isso é um fato. Conviver com outras culturas, em novos ambientes vai mudar a sua vida e como você pensa. Além do fato de proporcionar novos amigos e um maior networking (veja o item 7!), o intercâmbio também te traz muitas histórias para contar, e ainda tem o bônus de ficar muito bem no currículo.

4. O professor não é somente aquele sujeito a quem você chora nota

Acredite se quiser, seus professores são pessoas de suma importância na sua vida. E, além disso, garanto que nota é a última coisa com que eles se importam. O que eles querem, de fato, é te ajudar a crescer, passar conhecimentos e experiências para que cada aluno se torne o melhor profissional e a melhor pessoa que ele possa ser.

Saiba que podem te abrir portas para coisas que você nem imaginava, desde auxiliar em processos seletivos (e até te contratar!) até te ajudar em desafios que você vai enfrentar na sua vida profissional. Valorize-os e se conecte com eles!

5. O trabalho enobrece, e te dá muito o que falar

É um fato que o Inspere não nos deixa trabalhar antes do último ano, e não cabe a mim discutir isso aqui. Mas, conforme me ensinou um grande mentor, não se limite a o que te oferecem. Experiências como summer jobs ou até trabalhar antes do Inspere poder assinar são excelentes oportunidades de aprendizado e resultam em ótimas histórias (além de ficarem muito bem no currículo), o que realmente te dá um diferencial na hora de procurar os estágios (acredite, o 6º semestre não está tão longe). Além disso, conforme você trabalha em diferentes áreas e empresas, isso te permite descobrir o que você gosta (ou, pelo menos, o que você NÃO gosta).

6. Não desista! DP é chato tanto para você quanto para o professor

“Mas eu preciso de 9,75 na Final!” Ok, talvez tenha pego um caso extremo, mas confesso que já vi diversos “milagres” por aqui. Colegas que precisavam de notas altíssimas e conseguiram. O segredo é dedicação. Vá aos atendimentos do professor, leia o livro e busque entender a matéria (até professor particular vale, só lembre-se que eles não conseguem colocar 4

meses de matéria no seu cérebro 2 horas antes da prova, então se planeje!). Conforme conta a parábola: “Um homem rezava todo dia para ganhar na loteria. Após 20 anos, D’us finalmente respondeu para ele: “eu até te ajudo a ganhar na loteria, mas você poderia pelo menos comprar o bilhete”. Obviamente, sem esforço não há como contar com a sorte mas, como diz um famoso executivo: “Acho a sorte uma coisa engraçada: quanto mais eu me dedico, mais sorte pareço ter”. Então, não desista! Além de aumentar o seu custo com a faculdade, lembre-se: DP gasta o recurso mais valioso que você possui: o seu TEMPO. Mas fica aquela dica de sempre, né: foque nas MT’s para chegar quase passado na Final.

7. Lembra daquela palavra “Networking”? Então.. Acontece que ela É importante

Ja dizia Richard Koch : “O seu networking é determinado pela força dos elos fracos”

Sim, amigos são muito importantes. Mas lembre-se de sempre se relacionar bem com os seus colegas. São eles que, daqui a pouco tempo, estarão de indicando para empregos. Faça com que eles se lembrem de você de uma maneira sempre positiva, de modo que sempre tenham apenas coisas boas a falar a seu respeito. Isso é o famoso “Gerenciamento de imagem”, que você aprenderá no 5º semestre em Liderança, mas já te adianto aqui que é algo bem importante, não só para o Inspere como para a sua vida. Fique esperto quanto às suas atitudes na faculdade: se você for um free rider, será lembrado como tal, então dedique-se aos trabalhos e conecte-se com as pessoas, pois, sozinho, não vamos muito longe.

8. A chave de tudo é o equilíbrio

Se você for guardar uma coisa só dessas dicas, a que te falo é: tenha equilíbrio no que você faz. Não adianta estudar 100% do tempo ou festejar 100% do tempo. A faculdade é um lugar onde temos mais independência e devemos aprender a equilibrar nossas vidas. Por mais que você queira ficar rico, não se esqueça de outros componentes importantes da sua vida (família, amigos, religião, saúde), até porque, quando morreremos, duvido que qualquer um aqui seja lembrado como “Nossa, aquele cara trabalhou muito durante a vida dele”. Por outro lado, cuidado também para não se descuidar e deixar as boas oportunidades passarem. Ganbatte!

# Equipe

Inspere  
Post

@migo

Vi você passar,  
um amigo meu te conhecia.  
Não lembro se foi na rua ou num bar,  
talvez seja prima da minha tia.

Agora somos amigos.  
Observo você todos os dias,  
conheço seus conhecidos  
e seus momentos de alegria

Tenho opções à beça.  
Crio uma imagem,  
mas raramente uma conversa..  
e no andar dos meus dedos  
o tempo passa depressa.

A circunstância promove um encontro..  
nos cruzamos como desconhecidos.  
Dois robôs, cada um com seu phone,  
afinal, o que é ser amigo?

W.P. Rashid

Eduardo Moraes Marciano Agápito  
*Presidente*

Henrique Itimura Hayama  
*Vice - Presidente*

León Bernardi  
*Diretor de Imagem*

Helena Hallage Varella Guimarães  
*Diretora de Imagem*

Paulo Kogos  
*Diretor de Redação*

Henrique Leone Alexandre  
*Diretor Financeiro*

Vitor Cavalcante  
*Diretor de Projetos*

Daniel Arnedo Espindola  
*Colaborador*

Daniel Ferreira de Camargo  
*Colaborador*

Ana Beatriz Calicchio  
*Colaboradora*

Sarah Vendrame  
*Colaboradora*

Douglas Yoshida  
*Colaborador*

Lucas Nogueira  
*Colaborador*

Pamela Caterini  
*Colaboradora*

Pedro Brito  
*Colaborador*

Carolina Karacristo  
*Colaboradora*

